

Na Oficina de Clio: o Guia de Letícia Krilow e a sistematização metodológica da pesquisa em imprensa

Referência do texto:

KRILOW, Letícia Sabina Wermeier. *Guia de pesquisa em história da imprensa*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2025. EPUB. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Vítor Mateus VIEBRANTZ¹

Na Oficina de Clio, mobilizar a imprensa como objeto e/ou fonte histórica é uma operação de particular complexidade. Para os historiadores que se dedicam a ela, o *Guia de Pesquisa em História da Imprensa* de Letícia Sabina Wermeier Krilow, publicado em 2025 pela Editora da PUCRS, propõe uma cartografia teórica e metodológica dessa operação historiográfica. Logo na Introdução da obra, a autora, que é doutora em História e estudiosa do tema, identifica uma dupla tensão que atravessa o trabalho do(da) historiador no século XXI: de um lado, a ampliação do acesso às fontes, possibilitada pela digitalização de acervos; de outro, o avanço de movimentos negacionistas e/ou revisionistas que se apropriam dessa facilidade de acesso para produzir leituras distorcidas da História.

A partir de tais tensões que ela identifica, Krilow sustenta no livro que são a postura crítica do historiador e seu compromisso com a teoria e o método que conferem e reafirmam a “especificidade da História e da escrita da História em relação a outros

¹ Doutorando, mestre e graduado em História na Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista do PROSUC da CAPES. E-mail: 171405@upf.br.

tipos de produções” (Krilow, 2025, n.p.).² O que o *Guia* propõe, portanto, são encaminhamentos para análise e interpretação da imprensa na Oficina de Clio, que assegurem rigor, legitimidade e inteligibilidade das pesquisas, diante dos desafios, complexidades e das especificidades historiográficas.

Para desenvolver esses encaminhamentos, Krilow articula suas análises a partir de interlocuções com outros historiadores e autores da temática do jornalismo, entre eles Cruz e Peixoto (2007), Barbosa (2007), Luca (2005; 2011), Morel (2011), Elmir (1995), Karawejczyk (2010) e Traquina (2005; 2008). Essas referências lhe permitem situar os debates sobre materialidade, produção, circulação, conteúdo, noticiabilidade, historicidade e usos dos impressos. Além de partir da sua própria trajetória de formação como historiadora: a imprensa foi objeto e fonte de sua dissertação e sua tese. A obra está organizada em dois capítulos: o primeiro, *História da imprensa brasileira* e o segundo, *Aspectos metodológicos: entre teorias e práticas*.

No primeiro capítulo do livro, Krilow faz aquilo que Luca (2005) define como “História da imprensa”: discorre sobre a trajetória da imprensa, no caso, a brasileira. Ela define esse percurso como um “voo panorâmico” (Krilow, 2025, n.p.). Ao mobilizar diferentes autores e autoras para cada período, a historiadora compõe uma revisão bibliográfica e analítica que discute definições, formas, usos e disputas que atravessam a trajetória dos impressos no país.

Krilow inicia o “voo” pela criação da Imprensa Régia e circulação de alguns tipos de impressos no início do século XIX, destacando, com Morel (2011), a emergência da opinião pública e a presença panfletária. E, a partir de Martins (2011) e Eleutério (2011), situa transformações técnicas e editoriais do período. No tratamento dado à “grande imprensa” no início do século XX, Krilow recusa leituras deterministas e problematiza o entendimento da imprensa como simples “reflexo do capitalismo emergente” (Krilow, 2025, n.p.), reforçando que esse período foi importante para “lançar bases” de uma posterior instalação de um mercado jornalístico no país.

Entre as décadas de 1920 a 1950, apoiada em Luca (2011) e Barbosa (2007), Krilow compreende a imprensa como instância de disputa, em que os jornais autodeclarados “apartidários” operavam interesses específicos. Ao tratar do Estado

² Nota técnica: a versão consultada foi EPUB na Biblioteca Virtual Pearson, onde o texto não possui paginação.

Novo e das décadas subsequentes, Krilow amplia essa discussão para o terreno das relações entre imprensa e poder. Na sua discussão sobre a década de 1950, Krilow problematiza a introdução dos princípios do jornalismo anglo-americano e a separação interna dos jornais entre informação e opinião como um novo marco discursivo. Partindo das contribuições de Chalaby (2003), a autora destaca a constituição do jornalismo naquele período como um esforço de alcançar “objetividade”. De Barbosa (2007), a historiadora indica que tal esforço se tratava de uma estratégia de poder. Krilow interpreta essa suposta “objetividade” tencionada pelos jornais como responsável por “consolidar a imprensa como agente social reconhecido” (Krilow, 2025, n.p.).

Na virada dos anos 1960 e 1970, a autora parte de Barbosa (2007) para analisar o colapso de diversos periódicos e a concentração do mercado, sobretudo no Rio de Janeiro. Também analisa as repercussões do período autoritário da Ditadura Militar na imprensa e as precauções para investigar os impressos desse período. Ao tratar das mudanças tecnológicas dos anos 1980 e da consolidação do jornalismo investigativo, Krilow retoma a figura do “repórter-herói”, destacando a construção dessa figura do jornalista mobilizado. Na sequência, a autora traz os anos 1990 e 2000, que, como ela interpreta, introduzem a fragmentação digital, o jornalismo cidadão e o declínio do jornal como centro da esfera pública. Nos aspectos hodiernos da imprensa, Krilow dá um destaque especial à emergência das plataformas de checagem, que surgem como tentativa de reposicionamento institucional frente à crise de autoridade das *fakenews*.

O segundo capítulo do *Guia* aprofunda o eixo metodológico da obra. Nele, a autora organiza a discussão como uma “cartografia” de procedimentos metodológicos, destacando as operações que o historiador deve percorrer tanto na conformação do *corpus* documental quanto na análise e interpretação dos periódicos. O primeiro subcapítulo, intitulado *Conhecendo o periódico*, concentra-se justamente nessa etapa inicial: o movimento que vai do contato com a fonte à sua identificação sistemática, entendida por Krilow como condição indispensável para “conhecê-la”.

Para tornar esse percurso operativo, Krilow apresenta um conjunto de procedimentos e categorias analíticas que orientam o “exame” do periódico. Entre essas dimensões estão o acesso, materialidade, circulação, agentes, financiamento,

organização interna e critérios de noticiabilidade, etc. Com essas proposições, a historiadora quer indicar a necessidade do caráter minucioso do método, em que não se trate apenas de levantar informações básicas, mas de reconhecer que cada uma dessas instâncias participa da produção de sentidos do impresso e condiciona sua análise na Oficina da História.

Esse repertório de procedimentos propostos é, para a autora, aquele que o historiador deve acionar para transformar o impresso em fonte histórica e garantir inteligibilidade à sua pesquisa. Tal “cartografia metodológica”, que ela apresenta neste segundo capítulo, corresponde diretamente ao encaminhamento que ela traz na Introdução:

Todo documento histórico é uma construção permanente; todavia, tal construção não se encerra na identificação de um determinado documento como histórico, mas continua na metodologia utilizada na formação e posterior análise do corpus documental (Krilow, 2025, n.p.).

Ou seja, trata-se de um processo historiográfico que é complexo e complexificador, já que envolve constituir a imprensa em fonte histórica e atribuir sentidos interpretativos para ela. Nesse sentido, para essa operação, o capítulo também propõe classificações de tipos de imprensa (grande e pequena, popular e de prestígio, literária, político-partidária, doutrinária ou empresarial) e suas especificidades, alertando, contudo, para os riscos de reificação dessas categorias. Em seguida, a autora dedica-se à construção dos critérios para o estabelecimento de um *corpus* documental e detalha procedimentos tanto quantitativos quanto qualitativos. A amostragem, a análise de frequência, a organização de tabelas e o registro de parâmetros são descritos por ela como etapas nucleares que precisam ter fundamentação, clareza e explicitude.

Para tanto, Krilow apresenta e esquematiza, de forma prática, como documentar as decisões de pesquisa, inclusive propondo tabelas e modelos de sistematização que construiu para sua tese. Nesses quadros analíticos, ela assinala a importância de destacar as operações de escolha da amostragem, de recortes e exclusões. Para ela, essa minuciosidade no trato metodológico da conformação do *corpus* é uma postura indispensável para a sustentação e consolidação da pesquisa.

Outro ponto alto do capítulo é quando a autora discute os repositórios virtuais, especialmente a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Krilow reconhece seu potencial, mas alerta para os limites de buscas feitas por meio de ferramentas digitais, como ela exemplifica com a opção busca de palavras-chave. Ela adverte que o resultado da ferramenta não equivale ao universo documental disponível: lacunas, falhas de digitalização, limitações do OCR e problemas nos metadados impõem que o historiador mantenha uma postura crítica diante do material digital reunido. A autora oferece sugestões de verificação, cruzamento de resultados e complementação de amostras, como alternativas para esse trabalho com o ambiente digital sem perder o rigor da operação historiográfica.

Krilow também destaca que as notícias são construções, compreensão que ela articula a partir de referenciais da teoria da comunicação, como os “valores-notícia” de Traquina (2008), e a noção de “mundos possíveis” de Eco (2002). Essa interpretação proposta por ela aproxima o historiador da prática do jornalista, permitindo compreender como a escrita da notícia se insere em um sistema de seleção e hierarquização, apreendida, portanto, como uma construção social dotada de intencionalidade e mediações. O capítulo avança ainda sobre os riscos metodológicos que rondam o uso da imprensa na Oficina de Clio: o presentismo, o anacronismo e a leitura instrumental, que buscam nos jornais apenas confirmações de hipóteses prévias. Krilow propõe estratégias de enfrentamento desses riscos, como a problematização intensiva, o cruzamento com outras fontes e a atenção à recepção e circulação dos impressos.

Diante do exposto, podemos apontar que os dois capítulos da obra articulam discussões teóricas e históricas com método. O primeiro capítulo, dedicado à trajetória da imprensa brasileira, realiza uma operação historiográfica importante: reúne e articula contribuições de historiadores e autores de referência da temática em uma revisão bibliográfica e analítica. O segundo capítulo, por sua vez, traz essa dimensão histórica em prática operativa, atendendo diretamente às tensões do trabalho do historiador identificadas no início do livro. Juntos, os capítulos articulam o duplo movimento que sustenta toda a obra: a análise teórica e a problematização prática.

Assim, o livro de Leticia Krilow opera como uma “cartografia” teórica e metodológica ao trabalho com a imprensa como fonte e/ou objeto, contribuindo com encaminhamentos epistemológicos diante das tensões contemporâneas do fazer histórico identificadas por ela. Para tanto, coloca no centro da operação historiográfica o processo de constituição dos materiais da imprensa como fonte histórica, perpassando a definição criteriosa do *corpus* documental, sua análise e interpretação. Nesse sentido, o caráter prático e didático da obra é um de seus principais méritos: ao detalhar operações teóricas e metodológicas, Krilow sistematiza e torna replicáveis suas proposições ao processo de seleção, conformação e análise de fontes impressas.

Por fim, o *Guia de pesquisa em história da imprensa* se consolida como uma referência pertinente que dialoga diretamente com questões estruturais do trabalho com a imprensa na Oficina de Clio. A obra atende tanto a historiadores em formação quanto a pesquisadores em nível de pós-graduação, que podem nela encontrar uma base metodológica consistente e um interlocutor teórico para suas pesquisas. Em um cenário marcado pela digitalização acelerada dos acervos e pela circulação de leituras que tensionam a própria escrita da História, a contribuição de Krilow está em reafirmar que o trabalho historiográfico demanda compromisso com o método, explicitação dos procedimentos e rigor interpretativo – elementos indispensáveis para sustentar a legitimidade e a inteligibilidade do conhecimento histórico.

Referências bibliográficas:

- Barbosa, Marialva. *História cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- Chalaby, Jean. O Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). *Media & Jornalismo*, Lisboa, n. 3, p. 29-50, 2003. Disponível em: <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-03-Jean-Chalaby.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- Cruz, Heloisa de Faria; Peixoto, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- Eco, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa no texto narrativo*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Eleutério, Maria de Lurdes. Imprensa a serviço do progresso. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 83-102.

Elmir, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 19-29, dez. 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/658856707/ELMIR-C-P-as-Armadilhas-Do-Jornal-Algumas-Consideracoes-Metodologicas-de-Seu-Uso-Para-a-Pesquisa-Historica>. Acesso em: 12 nov. 2025.

Karawejczyk, Mônica. O Jornal como documento histórico: breves considerações. *Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 3, p. 131-147, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2371/1259>. Acesso em: 12 nov. 2025.

Krilow, Letícia Sabina Wermeier. *Guia de pesquisa em história da imprensa*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2025. EPUB. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Luca, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

Luca, Tania R. A Grande imprensa na primeira metade do século XX. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 149-175.

Martins, Ana Luíza. Imprensa em tempos de Império. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 45-80.

Morel, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 23-43.

Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo I*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo II*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution – Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 18/11/2025

Aprovado em: 18/12/2025